

POVO PANKARARÉ DE GLÓRIA BAHIA

1



**PROJETO
CONFLITOS SOCIAIS E
DESENVOLVIMENTO
SUSTENTÁVEL NO
BRASIL CENTRAL**

**POVOS INDÍGENAS DO
RIO SÃO FRANCISCO**



PROJETO
CONFLITOS SOCIAIS E
DESENVOLVIMENTO
SUSTENTÁVEL NO
BRASIL CENTRAL

Fascículo N 1 | Ano 2019

PROJETO NOVA CARTOGRAFIA SOCIAL DOS PO-
VOS E COMUNIDADES TRADICIONAIS DO BRASIL

COORDENAÇÃO GERAL DO PROJETO

Helciane de Fátima Abreu Araújo (UEMA); Jurandir Santos de Novaes (UFPA); Franklin Plessmann de Carvalho (UFRB); Alfredo Wagner Berno de Almeida (NCSA/CESTU/UEA, CNPq) e Carmen Lúcia Silva Lima (UFPI)

CARTOGRAFIA SOCIAL DO POVO INDÍGENA
PANKARARÉ DE GLÓRIA/BA

Série: Povos Indígenas do Rio São Francisco

COORDENAÇÃO DA PESQUISA

Alzení de Freitas Tomáz e Juracy Marques

PARTICIPANTES DA OFICINA

Afonso Enéas Feitoza (Cacique)
Almir Rodrigues da Silva Junior
Anailde Maria Feitosa do Nascimento (Nailde - Vice Mãe de Terreiro)
Beilson Ribeiro da Silva
Denilson Ribeiro do Nascimento
Edesia (Desia - Mãe do Terreiro)
Edson Manoel do Nascimento Silva
Elaine Patrícia de Sousa Oliveira
Ernandes José da Silva (Dada)
Graciene Feitoza Nascimento
Hernandes José da Silva
Jivaneide Feitoza (Liderança)
José Gomes de Sá (Nelson)
José Leandro da Silva (Presidente da Associação Indígena)
Josué Feitoza (Gel)
Judival da Conceição (Cacique)
Juliana Xavier Feitoza
Manoel Ribeiro Nascimento (Bey)
Manoel Vieira da Silva Neto
Maria Vicentina Santos Silva (Senhora - Cacique)
Matheus Afonso Oliveira Feitoza
Merquides (Liderança)
Pajé Veio (Pajé Pankararé)
Paulo Rodolfo Feitoza Ribeiro
Rogerio Feitosa (Letinho)
Rosilene de Souza Santos
Tiago Xavier Silva
Wagner Alexandre Oliveira de Araújo



Figura 1: Oficina da Nova Cartografia Social. (CARVALHO, 2017)

EQUIPE DE PESQUISA

Alzení de Freitas Tomáz
André Luiz Souza
Juracy Marques
Paulo Wataru Morimitsu
Ivone Etelvina do Nascimento Santos
Ana Paula Arruda
Bruno Barbosa Heim
Sílvia Janayna Veriato
Nilma Carvalho Pereira
Elaine Patrícia de Sousa Oliveira
Ana Beatriz da Silva Werneck Maria
Robson Marques

FOTOS E FILMAGENS

Alzení de Freitas Tomáz
André Luiz Souza
Gabriel Locke
Nilma Carvalho Pereira
Paula Regina

MAPA

Alzení de Freitas Tomáz
Ana Paula Arruda
André Luiz Souza

P872

Povo Pankararé de Glória - Bahia / Povos indígenas do Rio São Francisco - N. 01 (jan. 2019) / Coordenação da pesquisa: Alzení de Freitas Tomáz; Juracy Marques.-. - Manaus: UEA Edições / PNCSA, 2019.

Irregular.

Coordenação Geral do Projeto: Helciane de Fátima Abreu Araújo (UEMA); Jurandir Santos de Novaes (UFPA); Franklin Plessmann de Carvalho (UFRB); Alfredo Wagner Berno de Almeida (NCSA/CESTU/UEA, CNPq) e Carmen Lúcia Silva Lima (UFPI).

ISBN: 978-85-7883-494-4

1. Conflitos sociais. 2. Territorialidades. 3. Comunidades tradicionais. I. Título. II. Tomáz, Alzení de Freitas. III. Marques, Juracy

CDU: 528.9:39

A IDENTIDADE PANKARARÉ

Abrir um Terreiro era afirmação da identidade do ser índio Pankararé

Nós somos uma cruz basta abrir os braços
(Afonso Pankararé)



Figura 2: Anilde (direita) filha de Edésia (esquerda), a Mãe de Terreiro da Nação Pankararé. (TOMÁZ, 2017)

Ser índio Pankararé é ser nascido e criado acompanhando as tradições. (Anelson)

Ser índio Pankararé é por que nasci e mim criei na Aldeia. Tô com 60 anos e sou um cabeceira de forquedo, eu brinco nos terreiros com 10 forquedos e nesse momento eu conheço o ponto da área ponto, por ponto. (José do Nascimento)

Ser índio Pankararé é que eu nasci e mim criei dançando toré, acompanhando todos toré que tinha, eu sempre tava de dentro dançando meu toré. Eu mim sinto índio Pankararé por que eu gosto da tradição, gosto de enfrentar tudo. (Manoel Vieira da Silva Neto)

Ser índio Pankararé é que meu pai e minha mãe era índio, e meus avós já vem de meus avós que também eram índios. E mim sinto feliz. Eles morreram e eu fiquei trabalhando na ciência até hoje. Eu comecei com 9 anos de idade e já tô com 62 anos, e eu mim sinto orgulhoso por que nós temos nossa aldeia, e eu quero chegar se Deus quiser até o fim. (Manoel Ribeiro do Nascimento)

Ser índio Pankararé é saber respeita as outras etnias. Dar valor a sua cultura, é ser valente quando acontece alguma coisa, ta sempre por cima, nunca baixa a cabeça pra nada, saber ajuda os outros e buscar mais conhecimento pra nossa aldeia. (Edson Manoel do Nascimento Silva)

Ser índio Pankararé é sempre está participando dos festejos, tradições pra que não pasamos a deixa o conhecimento dos mais velhos se perder. A gente sempre ta buscando um novo conhecimento pra que possamos passar pra nossas crianças e eles passem a valorizar juntamente com nós e os mais velhos, pra que sempre continuemos unidos e fortes. Eu mim sinto índio porque eu participo das tradições, dou valor ao conhecimento que eu sempre vejo os mais velhos passando, assim eu mim dedico aquilo ali, pra que no futuro a gente sempre tenha um pouco de conhecimento pra passar pra alguém que queira aprender e continuar os caminhos dos mais velhos. (Tiago Xavier Silva)

Ser índio Pankararé é prevalecer sua cultura, não negar sua identidade e participar de todos os rituais que nós temos e, manter sempre firme com a comunidade. (Givaneide Feitoza, liderança)



Figura 3: Dança dos Praiá e “altar da Ciência” no território sagrado Pankararé no Amaro. (TOMÁZ, 2017)

Ser índia Pankararé é um presente importante, porque é saber que nosso antepassado resgata toda a cultura que tiver em Pankararé. (Cacique Senhora)

Ser índio Pankararé é a pessoa valorizar sua cultura, valoriza sua comunidade, respeita qualquer membro seja uma liderança ou um cacique, ela está alí junto com seu povo, participa e não tem vergonha de dizer que é índio em momento nenhum, nem aqui dentro da aldeia e nem fora, onde você for mostra sua identidade, sua raiz, sua cultura. (Rosilene, professora indígena)

Eu já não sei as palavras do vento, então nasci aqui, hoje tenho 36 anos e continuo morando na aldeia. Sou índia Pankararé Brejo do Burgo, meu maior prazer é cozinhar nas minhas tradições, gosto de dança o toré e respeita todo mundo, eu tenho um orgulho muito grande de ser índia, aonde eu chego todo mundo mim trata como índia. Sou índia com muito orgulho. Hoje eu tenho um pai que é cacique já nasci conhecendo ele como cacique e tenho uma mãe que se chama Edezia que é a mãe do terreiro da ciência eu mim sinto muito feliz quando estou no terreiro da ciência do Amaro quando eu to lá, eu me sinto nas nuvens. O Amaro representa muita coisa boa, eu esando lá parece que estou dentro da natureza que é uma coisa muito importante pra gente, ta nas matas vendo os pássaros, tem nosso toré e agradecemos muito a Deus por isso. (Anailde)

Ser índio hoje, antes de ser reconhecido como índio era tratado de caboco e na boca dos não índios era caboco podre e não tinha direito que temos hoje. Ser reconhecido e teve o chefe de posto que juntou os mais velhos chamado de Pankararé, quando fomos reconhecido trazemos as palavras por Pankararé ficando reconhecido Pankararé da nascente fonte grande pelo o mestre Bugre. Meu bisavô trouxe a para reconhecer a nascente buscando a melhoria para continuidade dessa nação de hoje. Pankararé dado o nome após reconhecimento, quem mantem as tradições, costumes e raiz, reconhecido Pankararé, Curral dos Bois a aldeia Jatinã. De que vive os índios hoje? Dos seus conhecimentos. (Cacique Afonso)

Sou Índio, porque nasci índio, vou morrer Índio, porque eu enfrento o Toré e a Ciência desde criança e continuo até hoje sou firme no Amaro, gosto de dançar e sei dançar nunca dou meu lugar para ninguém no Toré. (Ernandes)

Para ser índio aqui tem que conhecer a Ciência, conhecer a história, saber quem levantou, saber quem teve a Ciência pra descobrir nascente. Aqui Bugre sabia descobrir a sobrevivência de tudim, aqui os antigos sabia cada lugar da Ciência. Então, quem não sabe agradecer a natureza num é índio. Essa coisa linda que Deus deixou. Deixou pra tudo. (Cacique Afonso)

DO CURRAL DOS BOIS À FONTE GRANDE

Aí foi juntado os índios velhos e colocaram o nome Pankararé quando foi pra SPI – Secretaria de Proteção ao Índio, pra reconhecer nós índios aqui, a palavra de Pankararé veio através de Pankararú, porque foi quem ajudou nós a ser reconhecido nos órgãos e foram os primeiros a ser reconhecidos. Com a ajuda deles nós ficamos conhecidos como os índios Pankararé da nascente da Fonte Grande, que foi reconhecido pelo o mestre Bugre. Bugre ainda era criança quando meu bisavô trouxe pra reconhecer as nascentes, ele tinha o dom de reconhecer nascentes. (Cacique Afonso Pankararé)

A nascente da Fonte Grande foram dos antepassados que passaram nesse território buscando melhoramento de vida. Porque quando nós que se chamava Jatinã, vivia nos Curral dos Bois, que era a antiga Glória. Ali era passagem de boiada e era o lugar que pouso, de descanso dos boiador. Tudo aquilo tava sendo dominado pelo os não índios, então os índios tinha que procurar sobrevivência. Uns vieram pra cá a procura das fontes onde hoje se chama Brejo do Burgo e outros foram pro outro lado do rio pro Brejo dos Padres. Se você ver na história não tem quem saiba que teve esses índios Jatinã aí no Curral dos Bois, mais existia. Todo índio lá era chamado índios dos Curral dos Bois, mais antes de ser Curral dos Bois já era dos índios. Essas coisas é dado na Ciência pra gente num esquecer. Aqueles que mantêm as tradições e os costumes e mantêm as raízes são índios,

quem traiu isso, não pode ser chamado de índio. (Cacique Afonso Pankararé)

Bugre tinha encontrado aqui as nascentes da Fonte do Juá, Fonte de Cerquinha, Fonte da Pedra D'Água, Fonte chamada Cajueiro (hoje é o limite da TI Pankararé), pernoitaram neste lugar, mas, ainda não era suficiente para se sustentar. A criança indicou que próximo dali havia uma grande nascente e que era a melhor para sustentar todo o povo. Bugre saiu sozinho em busca desta nascente e como já era noite se aproximava, Eugênio ficou preocupado, pensando que as onças tinha comido a criança. Mais tarde da noite, para a sua surpresa, a criança voltou com a cintura cheia de caça de “jacú” e uma moringa de coroa cheia de água, mostrando a fartura do lugar. Ao amanhecer, seguiram viagem, abriram picadas e marcaram os caminhos, “quando se abre uma picada, se desencanta a água”, chegando então até a nascente, hoje conhecida como Fonte Grande (possui esse nome, porque foi a fonte que sustentou toda região). Neste lugar não haviam moradias, muito menos habitantes. A jornada dos indígenas em busca de sobrevivência gerou a descoberta de nascentes de água, e também de caldeirões de água, como a Baixa do Chico, Trindade, Caldeiranzinho, Pau Preto, Fazenda Nova, Caldeirão do Tibuço, Amaro, Moquém, Letreiro a cacimba de Eugênio, entre um bucado que tem por aí. O nome da área, Brejo do Burgo, se deu em razão da descoberta de Bugre. (Cacique Afonso Pankararé)

Quando não tinha mais sobrevivência pros índios no Curral dos Bois, meu bisavô Manoel Eugenio Feitoza, era quem contava essa história que eu tô dizendo agora. Os Jatinã não era nem assim que era conhecido, só era conhecido nós como índios de Curral dos Bois, aí saímos e lutamos aqui, só que veio os não índios também pra aqui, nós só foram nossos antepassados, eles chegaram querendo dominar também, e os índios que já tinha descoberto aqui, mais os não índios vieram. Com a descoberta de água na região vieram quatro famílias não indígenas, vieram também se beneficiar destas descobertas: Vieira de Lima da Silva, Araújo, Figueiredo e Mariano. (Cacique Afonso Pankararé)

Primeiro existia a freguesia de Santo Antonio de Curral dos Bois que foi criada depois virou Santo Antonio da Glória, aí nós num era conhecido como Pankararé, porque só foi depois que se reconhecemo nos órgão. Era muita perseguição, aí uns índio vieram pra

cá pros Brejos e outros foram pra lá pra os Brejo dos Padres. Mais esses nossos antepassados aqui que vieram buscar sobrevivência, já praticava costume de índio, já tinha o toré e os praiá. De lá pra cá, nós sempre fomos perseguido como índio. Tinha batida de polícia pra procurar vestimenta da ciência e coisas de índio. Onde tinha uma cruzeiro eles ia logo lá e destruía, por isso que mataram o finado Ângelo. (Cacique Afonso Pankararé)

Aí no período que foi a construção das barragens, aí vieram mais posseiros que se estabeleceram aqui. Os políticos, o sindicato, e até a igreja, fez politicagem pra que aqui num fosse reconhecido índio. Eles sempre quiseram que aqui fosse sonogado esse negócio de índio que era pra ficar como se fosse de não índio, aí dizia que todo mundo era braiado. E teve índio que se vendeu e sonogou mesmo de ser índio. Por isso, esses daí pode ser índio n'outro canto porque aqui na terra Pankararé eles nunca vão ser. (Cacique Afonso Pankararé)



Figura 4: Indígenas da Baixa do Chico, seu Lino e Cacique Afonso Pankararé. (LOCKE, 2013)

AS GRANDES PERSEGUIÇÕES E UMA CRUZ EM CADA CANTO

Primeiramente, meu avô encontrou nessas bandas do Brejo a Fonte Grande, que foi o lugar que Bugre ainda quando era criança desencantou as nascentes buscando a sobrevivência de toda nação que vivia no Curral dos Bois, uns índios vieram pra cá e outros foram pro Brejo dos Padres. Esse Povo se chamava Jatinã. Quando Bugre descobriu a Fonte Grande viu que era o lugar bom pra todos. Aqui não tinha ninguém, vieram os índios e depois veio os brancos que se estalaram aqui e aí nós vivemos uma grande perseguição. Quando os brancos atacavam num ponto, os índios se mudava pro outro ponto. Na nossa área tem muita cruz porque nós somos uma cruz, basta abrir os braços. Cada Ciência tem que ter uma cruz. Cada terreiro tem que ter uma cruz para mostrar que é a sobrevivência do ser humano, é assim que o índio se identifica, é assim, que quem não tem consideração pelo índios, chega já pra destruir o que eles ver como coisa de índio. (Cacique Afonso)

Por isso, a necessidade de dançar o toré, porque nesse tempo aqui se os índios não se fortalecessem e não dançassem o toré e não saísse fazendo os seus pontos de demarcação via os terreiros, ficava difícil. Quando a polícia passava e botava para correr os índios, en-

fraquecia a tradição. Nessa época os políticos da região perseguiram os índios botava para correr para ter medo de dançar o toré e não poderem se identificar como índio e nunca ser reconhecido a área como indígena, aí por isso tem esse tanto de terreiro. (Patrícia Krin Si, professora)

Tinha a necessidade de dançar nas matas para contribuir e fortalecer seus rituais como indígena, se fortalecendo pra poder dizer que era índio, porque a perseguição era muito grande, tinha tiro, gente que era presa, a polícia chegava estourava um lugar, depois ia pra outro e assim seguia. Principalmente, aqui no Alto da Boa Vista, aqui segundo os mais velhos era o lugar que a polícia mais encostava. (Patrícia Krin Si, professora)



Figura 5: Os cruzeiros do Amaro (acima), a Igreja, o Poró dos homens, das crianças e das mulheres (abaixo). (TOMÁZ, 2018)

Principalmente, depois que Nego da Rosa começou a ficar meio balançado pra o lado dos políticos, primeiro ele era uma força, só que depois ficou enfraquecido por causa das perseguições, daí os índios se acordaram e começaram a abrir esses outros terreiros da Ciência. Um terreiro da Ciência significa identidade de índio, aí era a primeira coisa que os brancos queria acabar. (Patrícia Krin Si, professora)

E a morte de Ângelo se deu aqui na Fonte Grande. E eles ameaçaram nós lá, justamente, lá é onde tem o conflito com posseiro. Ângelo foi um índio que recebeu a patente de inspetor, para quartear a aldeia, porque era a pessoa que defendia os direitos dos índios. Quando Nego de Rosa enfraqueceu e entregou o ponto do cruzeiro por causa dos posseiros aos políticos, aí Ângelo ficou respondendo como Cacique, aí fomos abrir o terreiro da Fonte Grande, quando abrimos o terreiro, vieram os posseiros e ameaçaram, mas, a gente tinha feito um Poró de palha, aí eles vieram e queimaram. Depois fizemos outro de alvenaria e eles vieram e derrubaram. E foi aí que veio a morte de Ângelo. Os posseiros não podiam ver um ponto de tradição que destruíam pra dizer que aqui não existia índio. Entupiram até as águas da Fonte Grande que é de grande importância pro índios. (Cacique Afonso)

O terreiro da tradição sempre foi afronta para os posseiros porque eles nunca quiseram que fosse reconhecido os índios Pankararé. Então, esse foi um conflito grande porque abriu-se o terreiro na frente de um terreno de domínio dos posseiros, isso foi afronta pra eles.

(Patrícia Krin Si, professora)

Então, se você no mapa de Pankararé, as cruzeiras que teve no território pra servir de ponto de Ciência dos índios foram tudo destruído. Por isso, nós fizemos indicado pela natureza de fazer a Ciência do Amaro no pé de Jatobá e aí existe até hoje porque o que é de Deus ninguém tira, pode derribar mais, nasce outro, nasce outro e nasce outro. (Cacique Afonso)

Ser índio Pankararé é um presente que acho muito importante, não porquê só ser índio Pankararé não, é saber que nosso antepassados resgata todas as culturas que tiver em Pankararé, apesar que meu pai morreu em 1986, ele morreu dia 3 de Março e em abril começou um conflito aqui muito grande, acabaram com a nossa tradição acabaram com tudo. Porque os posseiros cortaram, derrubaram, queimaram fizeram tudo, pra mim foram eles que mataram meus pais não foi Deus que levou, eu sei que foi Deus. Mas quando meu pai tava próximo ao dia de morte, ele falou assim: “eu vou morrer hoje”. No dia que foi pra ele

morrer ele convidou os filhos, meu irmão ia pegar um peba aí ele falou vá lá pegue o peba e 9 horas teja aqui, 10 horas eu vou fazer minha viagem. Foi a hora que ele morreu. Falou assim: “vai vim muita coisa difícil aí na frente pra vocês, mas eu não alcanço, porque eu vou viajar hoje”. Então isso foi em março, dia 3 de março, Deus levou ele. Quando foi em abril de 1986 foi o conflito grande por então o que eu acho importante pra gente ser índio não é só dizer assim eu sou índio não. É saber que nossos pais, avós, bisavós nasceram índios são os donos dessas terras e nós os filhos, netos, tataranetos também somos, então essa é minha importância. (Maria Vicentina Santos Silva, Cacica Senhora)

A CIÊNCIA DO ÍNDIOS, A CIÊNCIA DO AMARO

Foi aí que fizemos tudo que está aqui no Amaro, construímos o Poró dos home, das crianças, a cozinha, a casa das muié e tudo que já é da Ciência. O pé de Jatobá já era o lugar mais sagrado. Tudo isso, pra homenagear a mãe natureza. Tem gente que chega aqui e pensa que isso é teatro, pois num é não, tamos se apresentando não é pro povo é pra natureza. (Cacique Afonso)

A Ciência se conduz se chega ou não um perturbado, precisa de fogo e água. Tem espaço pra tudo, menos para o que é ruim. Se chega o Povo das Águas com o dom de Deus, é bem-vindo. Não se fecha terreiro, se suspende. Não se fecha corpo, porque o corpo se abre quando se respira. (Cacique Afonso)

Quando tem um seguimento, não se pode puxar ou pular uma pessoa, tem que deixar chegar a sua vez. Eu sou a cabeceira. Na minha Ciência cada um tem seu cachimbo, o meu não pode ser fumado por ninguém somente Désia pode fumar porque ela é mãe do terreiro. Um cachimbo único não roda e quando roda só pode ser por amizade ou consideração. (Cacique Afonso)

O Amaro é de uma grande natureza, aqui as promessas ajuda a curar tudo e trazer felicidade. O Amaro é uma grande natureza pra essa nação Pankararé. (Pajé Veio)

Aqui eu fiz uma promessa e alcancei e hoje vim aqui pagar essa promessa, que num conseguia se aposentar e eu disse se conseguir alcançar essa graça eu venho aqui e dou pros Praiá um pirão com meu salário de aposento e eu eu consegui a graça. Pois, tudo que a gente pede com fé é alcançado aqui. O Amaro é lugar de promessa e de alcance, e todo mundo o que pedi é válido. (Merquido, liderança)



Figura 6: Os Praiá, o Pajé e as Promessas . (TOMÁZ, 2016)

Os Pankararé tem sua espiritualidade muito aflorada. E os nossos Encantos estão presentes no cotidiano, no dia-a-dia. Nas maiores necessidade os Pankararé tiveram uma visão de um território sagrado no Pé de um Jatobá, e aí eles sentiram que esse era o lugar para realmente praticar os costumes e se fortalecer. Esse lugar se chama o Amaro. São mais de 20 anos de festejo do Amaro, que era o lugar seguro pra fazer os rituais. (Prof^a. Patrícia Krin Si)

Quando você tem fé tudo é válido nesse Amaro, isso aqui foi a Ciência que Deus deixou pra o índio. É a natureza de Deus.
(Pajé Veio)

As penitências, as rezas, as energias e os Encantos. Tudo no Amaro tem um objetivo, que é um Dom dado pelo dono do lugar, que é o Caboclo Aboiador. Se você está ruim mesmo e faz uma promessa, ali você se vale de tudo, tem as graças alcançadas. As crianças participam acompanhadas pelos pais, já vão aprendendo o ritmo, é a reafirmação que os pais vem fazendo com seus filhos pra firmar sua identidade de índios. É no ritual que nossa identidade se fortalece.
(Profª. Patrícia Krin Si)

Essa fé que nós trás aqui na Ciência do Amaro, tem salvado muitas pessoas, que estavam desenganadas dos médicos e através de nossas matas, da medicina das matas, a medicina tradicional tem curado essa população que nos procura e pra isso nós mantemos nossas tradições.
(Cacique Afonso)

A gente cultua nossos Encantados pra que eles possam dar força pra nós. Os Praiá no terreiro com criança já é o futuro pra quando os mais velhos se forem, a cultura Pankará não morrer.
(Pajé Veio)

Os índios Pankará vive numa aldeia Pankará chamada Chico, nas Craibas, Poço, Brejinho, Brejo do Burgo, Serrota e na Cerquinha. Nas tradições do Amaro, vem um pouco de cada lugar.
(Cacique Afonso)



Figura 7: Batizados dos Praiás em território sagrado Pankará. (REGINA, 2016)

O TERRITÓRIO PANKARARÉ



Figura 8: Croqui elaborado na oficina com os Pankararé. A área circulada é o Amaro. (2013)

Nós esperamos muito pelos órgãos que num vinha demarcar a área indígena, aí eu como cacique juntamos o Povo, fizemos as picadas e cercamos tudo. Aí veio a guerra, porque eles achava que nós já era índio braiado e num queria reconhecer, mais não tinha como negar que nós era índio. Fizemos as picadas, teve morte, perseguição, uns índio se sonegaram, mais hoje tem gente que tá dizendo que índio pra se aproveitar como o Povo que Mere arranhou, nós num nega que ela é índia, mais o povo que ela leva não é índia aqui em terra Pankararé, então ela vai ter que procurar ser índio nou-tro lugar. O Povo dela tá vindo querendo se beneficiar de uma luta que é dos antigos e eles negaram?! Agora, querem educação, querem saúde de índio, e terra de índios? Perseguram até a procuradora e a antropóloga que viu que eles num tem direito aqui nessa área. Aí vai ter guerra de novo. (Cacique Afonso)

Aqui já era pra ter disintrusado os não índios há muito tempo. Mais, por causa de politicagem, nunca tiraram esse povo aí. Perdemos mais de 13 mil hectares de terra indígena pra os órgãos empossar esse povo mais nunca fizeram, nós que foi quem perdeu. (Cacique Afonso)

Nós estamos fazendo essa cartografia pra mostrar como foi que nós demarcamos esse território, que foi as custas de muito sofrimento. Tamos marcando os lugar que eles destruiu porque num era pra gente dizer que era índios, nossos cruzeiro, onde tem uma cruz teve conflito. Hoje nós só temos o Amaro protegido por Nosso Senhor. (Cacique Afonso)

Quando foi pra demarcar isso aqui, foi guerra, Angelo morreu nós dissemos que Lelo, que era seu filho, tinha que assumir o cacicado, mais, Lelo sonegou e traiu todo mundo, aí o povo me escolheu pra ser Cacique que foi pra demarcar isso aqui. Aí Lelo ficou sendo em 1983 quando teve o Posto da FUNAI, ele virou funcionário. Só que aqui nós não aceitava ser área mista, mais Lelo através de política queria beneficiar os não índio. E nós por conta própria fizemos essa demarcação. Os posseiros fizeram de tudo pra impedir, negaram que nós índios num existia, e aí também compraro índio pra não se identificar, esses daí tão fora, nós não reconhece eles mais não. Veja, que até a mulher de Lelo, Zefa, que é posseira, num é índia virou vereadora de Glória, sonegando nós índios. E aí eles criaram uma guerra danada mais nós conseguimos demarcar a área indígena, mais Lelo vai carregar essa grande traição que fez pra nação Pankararé. Somente a Cerquinha ficou de fora da demarcação, mais um dia Cerquinha vai ter sua demarcação. (Cacique Afonso)

Os umbuzeiro frondoso e enfolharado é a morada dos Encatados. Os umbuzeiro é os peito da mãe que dá leite pro filhos famintos. Quando nós vem pro Amaro, a Mãe do Terreiro vem pedindo licença pra entrar em terra sagrada. (Cacique Afonso)



Figura 9: Oficina da Cartografia (acima) e Georreferenciamento do Território Pankararé (abaixo). (LOCKE, 2013)

Ói nós viemo pro Amaro porque na Fonte Grande, que era nossa Ciência, ficou difícil com os posseiros. Nós tivemos que recuar e vier praqui. Aqui é uma proposta muito grande, é uma Ciência, uma Ciência é coisa grande. Aí Afonso me chamou pra fazer o terreiro aqui, pra puder nós segurar a área do Brejo. E foi por isso, que com as graças de Deus e das Matas nós seguremo. E pra nós isso aqui tem muito valor e muito vigor. E eu me vali com uma velha doente em casa eu me bati pra tudo quanto foi de médico, mais foi nas matas aqui que eu me vali. O valor aqui das matas é da medicina. Os Pariá é as nossas tradição, o que tem aqui é o nosso valor. (Pajé Veio)



Figura 10: Cacique Afonso Pankará. (TOMÁZ, 2016)

Essa chapada pra gente, faz parte do Raso e tem várias vegetação: o facheiro, murici, catingueira, umbu, pião brabo, imburana, crotá, mancambira, jatobá, pau ferro, jurema, pito, quixabeira, angico, aroeira, bom nome. Aqui os terrenos pra criatório de abelhas, criatório de animais, não é um terreno oferta pra produção de alimentação de semente, é um terreno mas pra produzi com adubo pra melancia, cajueiro, é rico pra cajueiro, é um terreno apropriado mas pra essas frutas que crescem umbu, caju, é um território pra essa finalidade. Aqui, a natureza da tudo que nós precisa, umbu, murici, dá pra tomar até agua de croá. (Cacique Afonso)



Figura 11: Saco de Maria Preta. (LOCKE, 2013)

TOANTES PANKARARÉ

*Papagaio verde e amarelo
Que cantou no chão da terra
Oh batam palma
E digam viva
Que os índios está na terra
Heô, heroâ, heιά (bis)*

*Oh índio
Da barra do rio
Oh, Levanta os índios da virgem Maria
(bis)*

*Com meu maracá na mão
Com minha roupa de Praiá
Eu venho da baixa do chico
Do troco do Juremá (bis)*

*Andei, andei, andei, andei, andei (bis)
Mas, esse mundo é de Jesus
Heia, heia ná (3x)
Mas, na mesa do Anjúcá
Hei, heia ná (3x)*

*Caboclo de pena não pisa no chão (2x)
Peneira no ar que nem gavião (2x)*

*Acauã de bonitinha
Bebeu água no toré (2x)
Olele acauã
A pisadinha da acauã
Mas, acauã de bonitinha bebeu água
no torá
Oi Olele a pisadinha da acauã
Oi lelé acauã*

*Eu estava lá no mato
E abaixadinho
Tava lá no mato escondidinho
Tava lá no mato
Tava onde Deus deixou
Tava lá no mato
Oi pra que me chamou*

*Entre na Igreja e tirei meu chapéu
Viva são Pedro chaveiro do céu (5x)*

*Pisa no mole, pesa no duro
O caboclo é pequeno
E a pisada é segura
Hei, heina*

*Vamos meu Povo preservar a natureza
Graças a Deus, oh meu Pai oh que beleza
Vamos meu Povo preservar mãe natureza*

*A nossa mãe natureza foi meu Pai quem plantou
A nossa mãe natureza foi meu Pai quem plantou
Deu nome de cada um, da planta medicinal
Deu nome de cada um, da planta medicinal
Pra curar toda doença
E tirar mais todo o mau*

*Graças a Deus, oh meu Pai oh que beleza
Vamos meu Povo Preservar mãe natureza
Da nossa mãe natureza do restinho que ficou
Destruída pelo homem, o maior destruidor
Destruída pelo homem, o maior destruidor*

*Graças a Deus, oh meu Pai oh que beleza
Vamos meu Povo Preservar mãe natureza
Vamos meu Povo preservar nossas nascentes
As nossas nascentes tão com maior poluição
As nossas nascentes tão com maior poluição
Ta acabando com a gente [...]
E toda a criação!*

*Graças a Deus, oh meu Pai oh que beleza
Vamos meu Povo Preservar mãe natureza*





Figura 13: Grafismo Pankararé. (ETNODESENHO, 2018)

CONTATOS

POVO PANKARARÉ DE GLÓRIA

Cacicado: Afonso Enéas Feitoza

Brejo do Burgo | Território Pankararé | Glória | CEP: 48.610-000

SABEH – SOCIEDADE BRASIELIRA DE ECOLOGIA HUMANA

Rua Campo Sales, 180 | Cleriston Andrade | Paulo Afonso-BA | CEP: 48603-440

Tel.: (75) 3281.0848 | E-mail: contato.sabeh@gmail.com | www.sabeh.org.br

Realização

POVO INDÍGENA PANKARARÉ DE GLÓRIA – BA

Apoio

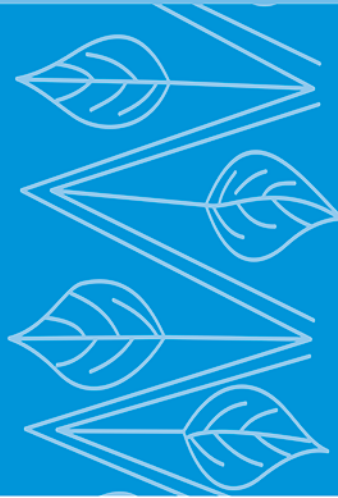
SABEH – SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECOLOGIA HUMANA

PROJETO NOVA CARTOGRAFIA SOCIAL DOS POVOS E COMUNIDADES TRADICIONAIS DO BRASIL | Série: Povos Indígenas do Rio São Francisco

1 POVO PANKARARÉ DE GLÓRIA – BAHIA

2 POVO TRUKÁ-TUPAN DE PAULO AFONSO – BAHIA

3 POVO KARIRI-XOKÓ DE PAULO AFONSO – BAHIA



REALIZAÇÃO

POVO INDÍGENA PANKARARÉ DE GLÓRIA - BAHIA

APOIO



FORDFOUNDATION



UEA
UNIVERSIDADE
DO ESTADO DO
AMAZONAS

PNCOSA

